

Introdução

Quando as forças acabam... a velhice na Bíblia é o título sugestivo deste número 99 da RIBLA, que, pela primeira vez, aborda o enfoque da velhice. Será porque estamos nos tornando um continente de idosos e idosas? Será porque as expectativas de vida aumentaram a idade da velhice, devido aos avanços médicos para prolongar a vida? Mas, a que custo e em que condições e situações as pessoas vivem sua velhice na América Latina e no Caribe, em conexão com a Bíblia? Este número explora, através da abordagem bíblica, algumas das realidades que se vivem hoje em relação à velhice.

Abre esta edição uma bela apresentação, escrita por nossa amiga e companheira Ivone Gebara, que com toda generosidade atendeu ao nosso chamado. Gebara compartilha uma reflexão íntima sobre a velhice e sua relação com a Bíblia. Mais do que buscar respostas acadêmicas ou exegéticas, ela se abre a uma leitura existencial, onde os textos bíblicos se tornam companhia, memória e oração cotidiana. A autora reconhece que não deseja mais fazer “ciência da Bíblia”, mas deixar que os fragmentos, salmos e profecias invadam sua vida como retalhos que dialogam com sua solidão, suas dores e sua busca de sentido. A velhice aparece descrita em múltiplas dimensões: sabedoria, fragilidade, memória, despojamento de certezas, desejo de amor e compreensão.

A seção dos artigos começa com dois ensaios cujo objetivo é mostrar o contexto social e histórico que envolve o tema da velhice na sociedade atual. Isso está em consonância com um dos princípios metodológicos da hermenêutica e exegese bíblica latino-americana, sobre compreensão, questionamento e análise do contexto. Ambos os textos nos sensibilizam e posicionam o tema da velhice; embora partam de cenários terríveis e incertos, também são um chamado para abrir bem os olhos e o coração para nossas populações envelhecidas.

É assim que, Klaudio Duarte Queapper, expõe em seu texto, *Adultocentrismo como exclusión de las personas viejas*, que uma das matrizes de interpretação social é a condição adultocêntrica, a qual sustenta assimetrias de poder e domínio sobre as pessoas mais velhas. Esse sistema se articula através de uma ideologia — o adultismo — e de sua expressão etária — o idadismo —, que permitem sua reprodução em imaginários, discursos e práticas cotidianas. A crescente presença de pessoas adultas mais velhas em nossas sociedades levanta questionamentos críticos sobre como enfrentar esse sistema de exclusão e quais

alternativas políticas podem ser construídas para garantir dignidade, inclusão e justiça. Este texto nos convida a termos consciência de solidões indesejadas, de isolamento social e do desafio urgente de estabelecer diálogos intergeracionais.

Por outro lado, Gabriela Miranda García, em seu texto, *Paraíso y Modernidad: la exclusión de la vejez*, afirma que os corpos têm sido historicamente espaços de disputa e controle, seja em sua dimensão reprodutiva, estética, funcional ou de mobilidade. A modernidade hegemônica exigiu corpos dóceis, disciplinados e úteis, tornando invisíveis outras formas de existência. A velhice, nesse contexto, surge como uma experiência desigual e marcada pelo medo, vergonha ou rejeição. Este artigo convida a refletir sobre como podemos nos reencontrar com o nosso próprio envelhecimento de uma perspectiva mais humana e justa, capaz de questionar as lógicas de exclusão e abrir possibilidades de reconhecimento e dignidade.

Na contribuição da reflexão bíblica, propósito desta revista, desde o Antigo Testamento, contamos com três textos que convergem em um mesmo horizonte: a velhice como lugar teológico e social de resistência, sabedoria e reconstrução comunitária. Cada texto, desde sua própria perspectiva, ilumina como as pessoas idosas — muitas vezes invisibilizadas em narrativas patriarcais ou relegadas em dinâmicas sociais — surgem como protagonistas da justiça, da memória e da esperança.

O texto de Bailão e Feitosa de Oliveira, *Vossos idosos e vossas idosas sonharão sonhos*, aborda o livro de Joel durante a invasão babilônica. O texto mostra como, em meio à situação traumática de tensão e perigo da invasão do império, a profecia resiste através do anúncio de que os idosos sonharão sonhos. E, assim, o sonho funciona como um mecanismo de sobrevivência. De modo que este texto mantém a esperança mostrando como os idosos são parte integral da recuperação do tecido social.

Valmor Da Silva, em *Sabedoria, honra e justiça: análise dos provérbios sobre a velhice*, propõe como os Provérbios oferecem um retrato sapiencial no qual a velhice é símbolo de honra, sabedoria e justiça. A tradição bíblica reconhece nos idosos valores exemplares que sustentam a vida familiar e comunitária. A pesquisa destaca como a idade avançada é portadora de ensinamentos intergeracionais e de dignidade social.

E em um terceiro texto sobre o Antigo Testamento, Maricel Mena López, em *Vejez femenina, sabiduría ancestral y resistencia territorial en 2 Samuel 20,14-22*, oferece-nos uma leitura criativa e inovadora. Em um relato bélico dominado por homens, uma mulher idosa sem nome se torna mediadora decisiva. Sua palavra pacificadora revela que as mulheres mais velhas possuem autoridade moral e política, paralela à dos homens. O estudo dialoga com tradições afrodiaspóricas, mostrando que os corpos envelhecidos são memória viva e força de resistência territorial.

No estudo do Novo Testamento, três reflexões se encontram em um mesmo horizonte: repensar a velhice, o poder e as relações de cuidado nas comunidades cristãs e nas diversidades contemporâneas. As reflexões propõem que as comunidades eclesiais devem ser espaços teológicos de resistência, transmissão e dignidade.

Juan Esteban Londoño em, *El anciano Juan del Apocalipsis: la imaginación y la resistencia*, apresenta João de Patmos como um poeta ancião e pintor, cuja obra visionária se torna um ato de resistência contra o poder imperial romano. A pesquisa destaca que o Apocalipse não deve ser lido apenas como um texto profético ou escatológico, mas também como uma criação estética: um entrelaçamento de imagens poéticas e pictóricas que despertam emoções, mantêm a esperança e mobilizam a imaginação das comunidades perseguidas. Juan Esteban desvenda o chamado do ancião João à resistência política: o uso de símbolos e visões funciona como um exercício de resistência simbólica diante das hostilidades romanas, além de uma esperança escatológica que projeta o triunfo do reino divino, convidando as comunidades a manter a fé em meio ao perigo.

Em *Gerontocracia en las comunidades cristianas del siglo I*, David Jacob Romero García desmonta a ideia de que os idosos exerciam um poder absoluto nas primeiras comunidades. O artigo destaca que a autoridade não vinha de cargos, mas dos dons e carismas colocados a serviço do bem comum. O chamado é para revisar as estruturas eclesiais atuais, onde os idosos geralmente são relegados, e resgatar o sentido evangélico de fraternidade e serviço.

Violeta Rocha Areas, em *Cuerpos que envejecen y las esperanzas en un mundo nuevo*, aborda o envelhecimento como uma realidade complexa que vai além do biológico. Neste texto, a autora faz um passeio pelos Testamentos Novo e Antigo, para tratar das diferentes concepções culturais sobre a velhice em homens e mulheres, levando em conta a análise de gênero e outras interseccionalidades. O texto examina como os corpos envelhecidos são percebidos de diferentes ângulos: a visão social, cultural, política, religiosa e também a partir da própria experiência de quem passa por essas fases. Violeta Rocha convida a reconhecer que a velhice é sabedoria e potencial transformador, e a lutar para que as estruturas sociais e religiosas sejam espaços de justiça e esperança.

Por sua vez, Larry José Madrigal Rajo, em seu texto *Eunice, Loida y Timoteo: una trenza de cuidados*, por meio de uma leitura feminista e das masculinidades, mostra como as mulheres exerceram uma liderança pedagógica e teológica na formação de Timóteo. A pesquisa revela que as redes de cuidado intergeracionais são espaços teológicos que desafiam o modelo patriarcal e oferecem alternativas ministeriais inclusivas, com relevância para as comunidades latino-americanas atuais. Um texto que permite ampliar o olhar sobre a importância dos cuidados como uma forma de expressão da prática coerente da fé.

Finalmente, Enrique Vega Dávila com seu texto, *Nuestra venganza será llegar a viejas*, oferece uma reflexão cuir sobre as velhices LGBTTTIQ+, de-

nunciando a dupla discriminação por idade e por identidade sexo-genérica. O texto aponta que “chegar à velhas” é uma prática espiritual e política de resistência frente à cultura do descarte, uma forma de ressurreição histórica que afirma a vida e a dignidade das diversidades envelhecidas. O texto aborda, a partir de uma perspectiva bíblico-teológica e pastoral, a experiência de resistência dessas velhices, em pessoas cuja situação precária de vida não lhes permite, justamente, uma vida longa.

Esta edição conta ainda com duas resenhas de livros. De Fernando Gross, temos uma resenha sobre o seu próprio livro: *Velhice e ancianidade no Pentateuco*. O autor apresenta um estudo pioneiro sobre a velhice e a ancianidade no Pentateuco, um tema pouco explorado na antropologia bíblica. Ele rastreia as 71 acepções da raiz hebraica “envelhecer/ser velho” e expressões relacionadas nos cinco livros da Torá, mostrando como cada menção abre uma janela de reflexão sobre a experiência da idade avançada na tradição bíblica. Uma contribuição valiosa para a pesquisa bíblica, com uma metodologia exemplar e de uso prático para a animação bíblica da pastoral.

A outra resenha é do livro de Ivone Gebara, *La Vejez que yo habito*, feita por Rebeca Montemayor. Ivone se narra a si mesma na sua velhice, onde evoca e convoca a peregrinação de sua vida, em uma linguagem testemunhal e poética, ao mesmo tempo crítica e reflexiva, com temas que tocaram e transformaram seu caminho em sua missão de ser palavra sábia e poderosa, radical e livre. Um texto que ficará, como todos os textos de Ivone, como uma memória viva para as gerações vindouras.

As organizadoras desta edição agradecemos de coração a cada uma das pessoas autoras pela sua preciosa contribuição. Só nos resta convidá-las a ler, refletir o que cada uma escreveu e se desafiar a transmitir seu conteúdo às novas gerações, para que quando as forças se acabem... não fiquemos sozinhas nem excluídas, mas apoiadas por comunidades amorosas e justas.

Esperamos que a edição 99 da RIBLA, uma antes de chegar ao centenário, nos dê novas forças para continuar frutificando e sonhando, mesmo quando a velhice nos alcançar.